

Relatoria da Segunda Mesa – Seminário Sete Teses
Colonialismo interno: Interpretaciones y alternativas.

Relator: Dr. Roberto Lima

Moderador: Dr. Francisco Zapata

Na apresentação do seminário 7 teses consta que

“el objetivo principal de este seminario el cual es enriquecer los debates sobre América Latina bajo la perspectiva que el texto las 7 tesis equivocadas sobre América Latina brinda a la distancia de 50 años, es por ello que la reflexión no gira en torno a ellas exclusivamente, sino que éste es el elemento guía para analizar y discutir los procesos sociales, políticos y económicos que se han presentado a lo largo de este tiempo en los países latinoamericanos. Es decir, a 50 años del debate latinoamericanista en que se enmarca, reflexionar que nuevos –o viejos– retos tiene el pensamiento latinoamericano.”

Además, consta que:

que no se pretende enmarcar la participación de los integrantes del seminario en la lectura de su texto, sino, abrir un diálogo entre las diferentes propuestas mediante el intercambio de ideas que permita compartir los diferentes enfoques, sus formas de analizar y de llegar a sus conclusiones de investigación, con el objetivo de que el diálogo se convierta en el elemento central del intercambio de ideas.

Neste sentido, eu e Professor Zapata temos duas importantes e difíceis tarefas:

El relator destinado a cada mesa hará una breve síntesis –en 20 minutos– de los trabajos entregados por los proponentes, después de lo cual el moderador abrirá una ronda de participación, en primer lugar con los participantes directos de la mesa para puntualizaciones u observaciones –cada uno de 5 minutos– y posteriormente para iniciar la discusión de las ideas presentadas por cada uno de los proponentes así como de los asistentes, es importante señalar que tendrán prioridad de participación las personas con propuestas aceptadas¹. Posteriormente el relator y el moderador harán un breve resumen de ideas aportadas durante el debate a las propuestas.

Dentro deste escopo, pretendo: primeiro apresentar os textos que me ficaram a cargo inserindo questionamentos pontuais a cada um e sugerindo também pontos de interlocução; em um segundo momento farei uma apreciação geral das questões levantadas para os colegas.

A medida que for apresentando os colegas já indicarei os pontos que chamam a atenção e questões que poderíamos discutir de cada autor e entre os textos apresentados.

MSc. Elizabeth Cabalé Miranda y Dr. Gabriel Rodríguez Pérez de Agreda,

Presentan el artículo: ¿Progreso y desarrollo ¿una y la misma cosa en América Latina?

Elizabeth Cabalé es Arquitecta. Máster en Ciencias. Profesora Auxiliar de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales Universidad de La Habana.

Gabriel Modesto Rodríguez Pérez de Agreda es Doctor en Ciencias Jurídicas. Profesor Titular de la Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales. Universidad de La Habana.

Os autores trabalham particularmente com a segunda tese, a tese difusionista, para questionar o desenvolvimento como fenômenos objetivo em si, a ideia ou conceito que se conformou dele na modernidade e as perspectivas para um desenvolvimento racional na América Latina

Os autores baseiam sua interpretação na filosofia da práxis e observam que a vigência do trabalho de Stavenhagen está em “conformar y alimentar esa capacidad que necesitamos de poder cambiar la realidad. (3)¹

Na sua discussão, questionam a capacidade do crescimento econômico, do progresso e do desenvolvimento de criar um efeito de felicidade (5), situação que os autores pensam impossível dentro das relações de exploração capitalista por suas próprias características intrínsecas: “lejos de trae desarrollo a nuestro sur, lo que produce es la conversión cada vez mas de esa zona atrasada en una zona de consumidores” y las personas que ahí habitan en esclavos del capital, lo que les configura una nueva modalidad de colonización. (15)

Como alternativa, os autores propõem “el ir introduciendo modos propios de producir de la conocida economía solidaria” (18).

A esse leitor, eu, fez falta a discussão sobre questões étnicas e/ou raciais que são centrais ao modo como Stavenhagen conceitua o colonialismo interno e que, portanto devem ser centrais para a resolução dos conflitos que tal situação cria²

José Guadalupe Gandarilla Salgado

Apresenta o artigo: De la Alianza para el Progreso a la Alianza para el Pacífico, persistencia de lo equívoco y necesidad de la crítica. Actualidad del aporte de Stavenhagen.

José Guadalupe Gandarilla Salgado es dr. en filosofía política y Investigador titular de la UAM

O autor observa que “la apretada prosa y su integración [crea en el texto] un cierto carácter caleidoscópico o multidimensional” (3) que fazem com que esse trabalho ultrapasse o momento conjuntural em que foi elaborado. É interessante pensar esse artigo em relação ao artigo anterior, pois Gandarilla observa acertadamente que Stavenhagen confronta os limites de um certo entendimento do marxismo de sua época.

O autor observa que as 7 teses são publicadas pouco antes da emergência de quatro movimentos intelectuais fundamentais para a ideia de América Latina hoje: o *boom* da literatura, a teologia da libertação, a teoria da dependência e as filosofias da libertação. Quanto a isso, penso que talvez fosse interessante ampliar e acrescentar duas outras criações latinoamericanas estreitamente relacionadas e que também lograram vencer o fosso de censura da relação sul/norte: a pedagogia do oprimido e o *giro decolonial*

O autor centra-se nas duas primeiras teses, como dogmas que devem ser recusados e, na discussão de sua atualidade, as relaciona com os usos do conceito de colonialismo interno por autores do *giro decolonial* e da filosofia da libertação que levam mais adiante a questionamentos que estão nas 7 teses (9). Também propõe um deslocamento conceitual para a compreensão do momento atual, do colonialismo interno para a colonialidade.

Ao comparar a Aliança para o Progresso com as atuais Alianza Trans Pacífico e Asociación Transatlántica Para El Comercio y Inversión parece indicar a esse leitor a necessidade de uma nova tese equivocada que relacione a transnacionalização do capital e da segurança.

¹ Os números entre parênteses são relativos às páginas dos artigos dos autores que foram discutidos no seminário. Assim, em vez de, a cada citação inserir um parêntesis com autor/a ano e página, estou abreviando para a página, considerando que serão feitas assim apenas as citações diretamente relacionadas aos textos do seminário, em 2015

² Para facilitar a leitura, estarei marcando de amarelo minhas observações e as questões mais pessoais que levanto sobre os textos, assim como sugestões de acréscimos e diálogos.

Das consequências de esse novo processo ele relaciona o *atasco* neoliberal em que se encontra o México; o crescimento da “zona de desastre” no campo; a indecibilidade de compreender o que são até hoje as classes médias e seus comportamentos; a re-emergência de um discurso racista em atores governamentais. Com o que termina o texto com a provocação de que Stavenhagen havia previsto a chegada de México no passado

Francisco Guzman Games

Apresenta o artigo: Nuevas miradas en torno a las tesis equivocadas sobre América Latina en la era de la información

Francisco Javier Guzmán Games es maestro en Investigación Educativa por la Universidad Veracruzana

O autor faz uma crítica à segunda tese a partir da recepção das tecnologias de informação em zonas rurais e indígenas com uma pesquisa realizada em Veracruz, com o objetivo de demonstrar empiricamente a atualidade do texto as 7 teses.

Ele observa que o discurso que se fazia nos anos 1960, acerca da difusão de produtos industrializados é muito similar ao discurso empregado inclusive por funcionários do Estado para qualificar hoje a brecha digital assim como as políticas para cerrá-la. Também chama a atenção a importância da migração para a compreensão do que hoje são chamadas “sociedades rurais”

O autor propõe o conceito de capital tecnológico como uma variação do conceito de Capital simbólico de Bourdieu para compreender como as TIC em zonas atrasadas (rezagadas) “operan como instrumentos camuflados de dominación cultural”.

Apesar de muito interessante o conceito proposto, a afirmação é muito apressada a esse leitor por três motivos: 1 que os conceitos de Bourdieu são mais matizados e a operação dos tipos de capital proposto por ele nunca é tão direta e funcionalista; 2 soa estranha ainda a forma como o autor fala de *rezago* (algo que está presente também em outros autores desta mesa, como Bandalla), questão que Stavenhagen liga já no texto em discussão aqui a uma certa geopolítica permeada por preconceitos étnicos e raciais; 3 ligado aos dois motivos anteriores a entrada de novas tecnologias nem sempre leva a câmbios nefastos como previam as análises aculturadoras que Stavenhagen sempre questionou e criticou. Se posso dar um exemplo em contraponto, no Brasil um grupo de antropólogos tem trabalhado por mais de 20 anos na realização conjunta de materiais audiovisuais com grupos indígenas no projeto “vídeo nas aldeias” com resultados muito positivos para os interesses dos grupos indígenas envolvidos. Assim, à ideia interessante de investigar os caminhos pelos quais transitam os Iphone, ipad e etc até a Huasteca sugiro que se acrescente uma ideia de etnodesenvolvimento tal como desenvolvida por Stavenhagen

Carlos Alberto Jiménez Bandala

Apresenta o artigo: “El desarrollo del México del Sur, la comprobación empírica de las siete tesis equivocadas sobre América Latina”

Carlos Alberto Jiménez Bandala es Profesor-Investigador de la Universidad del Papaloapan. Doctor en Estudios Organizacionales por la Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa (UAM-I)

O autor parte do “rezago severo” do sul do México, mais especificamente da bacia do Papaloapan para aportar evidências empíricas que fortaleçam a crítica contida nas teses de Stavenhagen (ver sobre o rezago, a crítica do texto anterior)

Para ele, dois conceitos de Stavenhagen são chaves para compreender os projetos falidos na bacia do Papaloapan: “el colonialismo interno... y la proletarianización y estancamiento como consecuencia de políticas fallidas.”(2)

Chama a atenção que Peña Nieto tenha “reconocido” a existência dos dois Méxicos em 2014 para a criação de um projeto de *Zonas Económicas Especiales* que logo foi cancelado. **Tal reconhecimento podia ser matizado à luz da primeira tese**

Jimenez apresenta um resumo da historia da bacia do Papaloapan desde o porfiriato, em que se observa a permanência dos mesmos agentes da opressão apesar de revoluções e planos de desenvolvimento (em particular a *Comisión de la Cuenca del Papaloapan* que se baseou em uma leitura incorreta da situação da bacia) e com a estocada final dada pelo padrão de acumulação neoliberal iniciado em 1982, que agudizou as relações do tipo de colonialismo interno (11)

Ele também aponta dados tristes sobre o estancamento rural: de desemprego, fome e escolaridade e, faz críticas aos projetos atuais de desenvolvimento turístico da região fomentados pelo INI que “poco impacto han tenido sobre la economía local” (15)

Ele conclui que antes de tudo é necessário um espaço mais amplo de reflexão, com a descolonização epistemológica que nos permita “permita reconceptualizar el desarrollo fuera de la mirada eurocéntrica”(17)

Esse texto pode ganhar muito com o aprofundamento de leituras posteriores de Stavenhagen. Sugiro tanto o artigo sobre etnodesenvolvimento que foi publicado em 1985 quanto uma entrevista de 2009 em que Stavenhagen reflete sobre sua participação na equipe de antropólogos que trabalharam na mazateca quando da construção da represa de Miguel Aleman. Em especial essa última permitira ao autor uma compreensão mais integrada da importância da bacia do Papaloapan na trajetória de Stavenhagen.

María del Rosario Fátima Robles Robles

La cuestión de las “verdades adquiridas” acerca de la importancia de la IME y de la implementación del modelo de desarrollo orientado a la exportación a través de las tesis equivocadas de Rodolfo Stavenhagen.

María del Rosario Fátima Robles Robles es profesora titular da Universidad Estatal de Sonora, Doctora en Ciencias Sociales por el Colegio de Sonora

Aquí gostaria de fazer uma mudança na ordem de apresentação dos trabalhos. É que o trabalho de Robles faz um bom contraponto com o trabalho de Jimenez Bandala. Os dois discutem projetos de desenvolvimento, mas um está localizado no sul, na primeira metade do século XX e o segundo, no norte, dos anos 1960 até hoje.

O artigo questiona as verdades adquiridas sobre a importância da industria maquiladora de exportação e a implementação de um modelo de desenvolvimento industrial orientado para a exploração. Algo que escapa das proposições iniciais de Stavenhagen mas dialoga com elas. A autora pergunta-se: como poderíamos pensar as maquiladoras fora dessas verdades adquiridas?

O artigo também faz um contra ponto entre as 7 teses e a releitura das 7 teses realizada por Francisco Zapata

Robles centra sua atenção em Sonora e neste estado, na cidade de Guaymas-Empalme, que possui uma situação particular: o monopólio que Maquilas Tatawaki “de la contratación de personal y dar albergue a empresas extranjeras que se establecen en esas localidades” (4)

Também como Jimenez, Robles apresenta uma larga serie de estatísticas para fazer a crítica à falsidade do “cambio de giro en el modelo de desarrollo en México” como se fora quase uma nova tese que se pudesse pensar através de todas as 7 teses, como um desdobramento delas (em especial as teses 1,2,3,4 e 7) devido às relações do colonialismo interno com a transnacionalidade, produção para exportação, desaparecimento das preocupações com o mercado interno, desaparecimento da preocupação com a união entre burguesia industrial e latifundiária e finalmente a erosão das consciências de indígenas empregados nas maquiladoras.

Alem disso, Robles trás uma questão muito complexa que são os efeitos dessa carga de trabalho mal remunerada e sem perspectivas na consciência desses operários que, como ela verifica, muitas vezes são indígenas yaquis (questão que poderia ser ampliada) que têm de viajar três horas por dia em ônibus no percurso casa-trabalho-casa. Numa situação dessas, temos de concordar com Zapata que a consciência para si de camponeses e operários podem ser consideradas em vias de desaparecimento pela progressiva perda dos saberes de fabricação e de pertencimento

Minha sugestão para esse texto é que, além de ampliar a questão do “enganche” de indígenas nas maquiladoras e seu efeito disruptivo, a autora explicasse as varias siglas que estão presentes no texto para que um leitor não mexicano possa acercar-se mais facilmente do tema

Christian Jiménez Kanahuaty

Presenta el artículo: Los caminos del desarrollo en Bolivia: entre la continuidad y la transición

Christian Jiménez Kanahuaty es Politólogo. Atualmente termina o mestrado em sociología en FLCASO, Ecuador

A intenção do artigo é, através das 7 teses, refletir sobre as mudanças vividas pela Bolívia nos últimos 12 anos. Em particular as relações entre o vivir bien e as políticas desenvolvimentistas, como o governo se relaciona com as organizações indígenas ou camponesas e como mudaram as relações entre camponeses e operários.

Ele explicita que o vivir bien foi uma construção e aspiração de organizações indígenas e que o MAS se apropriou dessa agenda iniciando uma prática que ele qualifica de ventríloqua, em que o vivir bem foi absorvido na forma instrumental

Ele apresenta o caso da estrada de TIPNIS para, com diversas entrevistas com moradores locais pensar a complexidade das relações entre comunidades e Estado. Se por um lado os camponeses não se percebem como pobres, suas afirmações eram ambíguas quando se questionava acerca de sua marginalização.

Jimenez trás principalmente pedaços de entrevistas de pessoas que são favoráveis (ou pelo menos nenhuma é abertamente contra a) a estrada e que portanto não a veem como “una ruptura sino un manejo distinto del excedente” (6) assim como o acesso que ela permitirá (?) à educação e hospitais (pergunta: há um viés aqui? Ou ninguém é abertamente contra esse empreendimento?).

Ele propõe que “quizá la apuesta más creativa sea la construcción de un nuevo cuerpo de tesis equivocadas” e uma delas pode ser “que el desarrollo es una entidad homogénea” (7), o que imediatamente implica pensar o que é esse desenvolvimento que os indígenas gosariam?

A instrumentação do vivir bien implica um colonialismo interno e práticas consistentes com a segunda tese equivocada, com a doação de artefatos eletrônicos inclusive em lugares onde não há eletricidade.

Mas também ele mostra como o MAS manipulou as organizações indígenas na situação da aprovação da “ley de la madre tierra”. A forma como se deu essa manipulação tornou-se uma prática (“um guión”) que está sendo utilizada em varias situações como instrumento de desmobilização e de divisão, fazendo muitas vezes impossível o diálogo entre camponeses e operários

Para esse leitor, é muito interessante pensar a proximidade desse texto com os estudos da subalternidade indianos e a conclusão de que o Estado de alguma forma se transformou para manter-se colonialista internamente põe a existência mesma de Estado como um problema para uma reflexão que poderia ser ampliada e matizada (a questão é com o estado ou com o estado-nação?)

Jorgelina Loza

Stavenhagen y la ‘nación’: etnia, comunidad y proyecto político

Jorgelina Loza es Doctora en Ciencias Sociales por la UBA. Es docente universitaria de grado y posgrado.

A autora oferece uma complexa análise da emergência de “nação” (com aspas) e de Estado “nação” (com espaço, sem hífen e com aspas) através da análise de Stavenhagen para pensar que opções podem trazer tais construtos ao futuro de latinoamérica. Ao utilizar de maneira generalizada, mas coerente, o termo “nação”, algo que Stavenhagen somente faz nos artigos que ela cita quando é para chamar a atenção de que “nação” é uma ideia em disputa, a autora deixa bem claro que esse termo hoje precisa ser desconstruído ou usado aspeado, explicitando que qualquer uso teórico consistente tem de explicitar a sua situação “sob rasura”.

Ela de certa forma faz uma ponte entre as questões que Chatterjee propõe quanto ao tempo heterogêneo na nação com as formulações feitas por Stavenhagen: quem integra a nação? De quem ela é um projeto? Quem a constrói?

Se em outros textos desta mesa a parteira da história se faz presente, é em Loza que a violência como processo epistêmico inerente à emergência da nação está mais claro. Principalmente no que interessa aos conflitos raciais e étnicos, assim:

El análisis de los procesos históricos de construcción de las naciones latinoamericanas requiere sostener una mirada deconstructivista, pero sin perder el foco en la experiencia que sus actores atravesaron y atraviesan (7)

Loza também traz a distinção, que está em Stavenhagen entre nação cívica e nação étnica, sendo que ele e ela demonstram claramente a maior importância dessa última como processo de significação (Em verdade, me pergunto e perguntaria à autora se alguma vez houve uma “nação” não étnica)

Finalmente, uma última questão que chama a atenção é a autora qualificar Stavenhagen de Estruturalista (11). Isso é interessante por mostrar a reabilitação do estruturalismo nas ciências sociais depois da crítica pouco consistente dos anos 1980 de uma pretensa falta de conteúdo político ao estruturalismo. E foi sim esse estruturalismo de Stavenhagen que o permitiu pensar e analisar os conflitos étnicos assim como à mesma época, a seu amigo Roberto Cardoso de Oliveira, criar o conceito de fricção interétnica.

Assim, em Stavenhagen, para Loza, “nação” é uma forma organizativa que exclui aos indígenas e que apesar de hoje haver uma tendência em seus discursos a aceitar a pluralidade étnica, também em seu seio há a forte atuação no sentido da contenção das reivindicações de diferença e autonomia. Isso importa porque nos textos mais recentes de stavenhagen citados por ela, a incorporação dos direitos indígenas é a temática central do debate sobre a “nação” (14) e assim, algo que estava implícito em Gimenez, sobre a questão do Estado, aqui é

explicitado e qualificado: a ideia mesma de Estado “nação” é fundamental na emergência na compreensão dos conflitos étnicos (15)

Isso implica refletir sobre a prática de organizações como o EZLN, como práticas emancipadoras que deslocam por total o indigenismo, a eterna ferramenta de Estado para tratar os povos indígenas e impedir-lhes sua autodeterminação.

Finalmente ela termina seu artigo reivindicando a “la multiculturalidad como propuesta” (17). Pergunto: proposta ou perspectiva? Pois ela mesma afirma “la multiculturalidad es hoy en día un marco” (18), um lugar de onde um sujeito pode apreciar, ver, atuar, mudar o mundo. Como perspectiva ela pode gerar proposições, algo que também faz Stavenhagen, que como trickster parece caminhar entre o que alguns chamaram multiculturalismo pluralista (centrado nos direitos) e o multiculturalismo crítico (enfocando o poder, os privilégios, a hierarquia de opressões e os movimentos de resistencia) (estou usando a formulação de Stuart Hall, 2000. Mas a autora é livre para imaginar como quiser essa oposição que me parece frutífera para ela)

Jaime Andrés Wilches Tinjacá

DE LA INGENUIDAD DESARROLLISTA A LA EUFORIA MEDIÁTICA: IMPACTO DE LAS TECNOLOGÍAS DE LA INFORMACIÓN EN LA PROLONGACIÓN DE LAS SIETE TESIS EQUIVOCADAS SOBRE AMÉRICA LATINA

Jaime Andrés Wilches Tinjacá es Docente e Investigador de la Universidad de La Salle

Aquí devo dizer que fiquei na dúvida se fazia uma mudança na ordem de apresentação e discussão pois o artigo de Wilches dialoga bem com o de Guzman mas também com o de Cabalé e Pérez, mas como no final ele faz uma crítica que me deixou no vazio, deixo-o por último

O autor se “pregunta hasta qué punto la apertura de nuevos espacios de expresión, contrario a movilizar revoluciones de largo aliento o corrientes teóricas que critiquen la soberbia de las tesis desarrollistas, terminan siendo inocuas luchas, consecuencia de nuevas generaciones que se han formado desde la despolitización del sujeto, y el favorecimiento del capitalismo como sistema que moldea prácticas culturales en las que se impone el prestigio social y el ascenso económico sobre la construcción de modelos democráticos justos, equitativos e incluyentes” (1)

Sem dúvida essa é uma pergunta importante hoje. E o autor tenta articular uma pequena serie de princípios fundamentais, mas transformadores que possam atualizar as teses dos anos sessenta, que para ele se encontram numa situação paradoxal (ou pelo menos o relator vê um paradoxo): “las tesis desarrolladas desde la década de los sesenta no tienen vigencia y deben ser debatidas si es que se quiere transformar las condiciones históricas de exclusión en la región” (17)

Essa é uma questão complicada deste texto: apesar de fazer uma interessante leitura sobre a emergência e papel das novas tecnologias de informação (embora às vezes um pouco acrítica, quase como se houvesse sumido a luta de classes e a exploração e vivêssemos primordialmente no virtual) falta ligar de maneira mais sólida o que nas teses que hoje estamos discutindo já não tem vigência (porque?) mas, mesmo não tendo vigência, deve ser discutido (porque?) com vistas a uma transformação estrutural das sociedades Latinoamericanas.

O interesse principal do autor parece ser sugerir um modo de atuar na educação, tanto na escola quanto na universidade (a educação aqui é pensada como uma tecnologia). Para tal o autor divide o texto em quatro partes. Na primeira ele explicita o marco teórico e problematiza os lugares que ocupam as tecnologias (sejam ou não novas) na construção de

outras ordens sociais. A segunda parte analisa o papel dos meios de comunicação no contexto da globalização. A terceira parte reflete sobre os usos sociais das tecnologias da informação e como essa podem contribuir para solucionar os dilemas do desenvolvimento (um termo crucial que, diga-se de passagem, não é definido no texto). No final o autor apresenta uma reflexão sobre a revolução da comunicação “numa conjuntura que nos desafia a pensar um país e uma região nas tendências do mundo global sem abandonar seus próprios desafios” (3)

A pesar de demarcar de forma clara seu roteiro em 4 partes, o autor separa o texto em 16 partes que deveriam ser melhor ordenadas e hierarquizadas para facilitar a leitura e compreensão. Além disso seria interessante que os títulos dos apartados se vissem diretamente contemplados na discussão.

Entendo que com uma melhor estruturação do texto e explicitação das relações entre a chamada da mesa e o que pretendia o autor possamos entender inclusive o final algo desleixado do texto:

“Es un reto auténtico para una Latinoamérica que empieza en este siglo a mirar nuevos horizontes que la lleven a pensar que las tesis que alguna vez crítico Stavenhagen podrían ser puestas en prácticas con el objetivo de lograr ciudadanías activas y críticas, en un contexto donde e los medios pueden abrir o truncar las posibilidades de expresión.”

Bom, agora creio que preciso colocar as questões finais.

Sobre isso, queria dizer:

1. Sempre penso o texto que hoje homenageamos em relação a um artigo de 1985, o único disponível em português na internet, “Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista”. Assim, começo com três citações deste último artigo:

a.. “Sugiro que esse ignorar da questão étnica pelo pensamento desenvolvimentista representa, não uma omissão, mas um ponto-cego paradigmático”

b. “minha crítica ao estado-nação e ao estado etnocrático conduz, precisamente, à direção oposta, ou seja, ao Estado multinacional, multicultural, multiétnico (se é que deve haver algum Estado), no qual as comunidades étnicas possam encontrar iguais oportunidades de desenvolvimento social, econômico e cultural dentro da estrutura mais ampla.”

c. “etnodesenvolvimento é concebido como um processo dinâmico e criativo que, mais do que limitá-las, pode liberar energias coletivas para o seu desenvolvimento. E, afinal de contas, a corrente cultural principal não passa de uma confluência de múltiplas correntes separadas. E se estas correntes separadas não puderem crescer, a corrente principal acabará por secar”

Essas três afirmações estiveram sempre no meu horizonte enquanto preparava essa apresentação. Parece-me que nessas três há uma discussão sobre o desenvolvimento, o estado, a questão étnica e o futuro que dialogam diretamente com todos os autores da mesa.

2. Olhando em perspectiva os artigos vejo-me surpreendido com a riqueza e variedade de questões que o texto 7 teses gerou. Num certo sentido, sinto que Stavenhagen e esse texto encontraram um lugar muito importante no repertório conceitual das ciências sociais. Por outro lado, vejo-me numa situação curiosa: se me imagino não conhecendo o artigo de Stavenhagen e tendo lido todos os textos dessa mesa e das outras, é como se eu estivesse vendo em um caleidoscópio. Quase perguntaria se Stavenhagen existe de verdade, de pegar com a mão. Felizmente ele está aqui na minha frente para tirar as dúvidas.

3. Continuando a questão da profusão de temas, também devo destacar que os textos da mesa são muito distintos na forma de acercarem-se ao tema que nos move hoje. Assim, há artigos que reflexionam acerca do conceito de colonialismo interno diretamente com uma ou outra teoria (Gabriel Rodríguez Pérez y Elizabeth Cabalé); outros que buscam pensar como desenvolvimentos atuais das relações de poder e ou econômicas poderiam solicitar a Stavenhagen uma outra tese equivocada a cerca da transnacionalização ou da unificação do desenvolvimento (Gandarilla y Jimenez); os que buscam na observação empírica fundamentos para pensar a atualidade das 7 teses (em particular, la 1ª y la 2ª: Guzman, Robles y Bandala) sendo que há dois que mostram isso de forma mais sistêmica e um de forma mais episódica; um artigo faz o balanço de um conceito, “nación” (Loza); e um último as utiliza como uma espécie de texto de fundo ou mesmo oculto para pensar a educação (Wilches).

4. Curiosamente, ninguém aqui na mesa tentou fazer um balanço dos caminhos trilhados pelo conceito de colonialismo interno, mas como isso foi feito por Pablo Casanova em 2006, não é um problema.

5. Entre as curiosas convergências nos textos está o poder de profecia de Stavenhagen. Três textos o trataram explicitamente como um profeta: Em Gandarilla é um profeta ao revés, previu a chegada de México ao passado e em Robles e em Jimenez previu o futuro. Parece-me que isso tem a ver com o fato de Stavenhagen ter chamado de teses equivocadas o que Lévi-Strauss chamaria de mitemas do mito do nacionalismo latinoamericano. Se essa minha interpretação é correta, com alterações de importância de um ou outro mitema-tese

equivocada, inversões e expansões, as teses se manterão atuais enquanto as contradições que elas retrataram estiverem vigentes.

6. Relacionado a isso, uma questão que me parece curiosa e que mostra a força (inescapabilidade?) da ideologia é a utilização em alguns artigos do “rezago”, que aparece livre e sem aspas. Pergunto-me: por que isso? Dou por certo que todas e todos aqui compartilhem a ideia que esse dito “atraso” é fruto de preconceitos teóricos (como apontava Stavenhagen) ou dos teóricos já que hoje também falamos também de múltiplos mundos e temporalidades ou, como disseram os zapatistas “um mundo onde caibam muitos mundos. Então, de onde vem essa resistência que se encontra na ideia de “rezago”? É o próprio horizonte do Estado “nação” que nos mete nessa panela?

7. (Não poderia ser outro número) Resta um último desafio: não há nenhum artigo na mesa que enfrente o apelo que Stavenhagen nos coloca no seu último informe à ONU: **Por un desarrollo basado en los derechos humanos, y en particular a los derechos de los indígenas** (“un cambio en el discurso del desarrollo, sino también supone transformar las instituciones públicas y la cooperación internacional”). Faltou um artigo que, à maneira das declarações do EZLN colocasse de cabeça para baixo todo o edifício das relações de poder do colonialismo interno

Así es. ¡Gracias a todxs y gracias don Rodolfo!

Referencias

González Casanova, Pablo

(2006) Colonialismo interno. [Una redefinición]. En A. Borón, J. Amadeo y S. González, comps. La teoría marxista hoy. Problemas y perspectivas. Argentina: CLACSO.

HALL, Stuart.

2003 [2000] A questão multicultural. Em *Da diáspora*. Belo Horizonte. UFMG.

Stavenhagen, Rodolfo

1965 'Siete tesis equivocadas sobre América Latina' Revista Política Externa Independiente Río de Janeiro núm. 1. Periódico El Día México 25 y 26 de junio. - CIDOC Informa Cuernavaca Mor. Vol. II Num. 16

1985 “Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista”, Anuário Antropológico 84, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 11-44

1986 “Ethnodevelopment: A Neglected Dimension in Development Thinking”, R. Apthorpe and A. Krähl Eds. Development Studies: Critique and Renewal Leiden E.J. Brill, pp. 71-94.